



### Questão 1

O panorama do ensino de Literatura Africana no Brasil agrava a polémica que envolve a formação do leitor literário e a presença da literatura nas instituições de ensino. Segundo a Lei 10.639/03 no Brasil, alunos de todos os níveis de escolarizações deveriam ter acesso à história e à cultura africanas e afro-brasileiras. Ainda que haja respaldo legislativo para o caso, o que se verifica é que o ensino de Língua Portuguesa está longe de ser protagonista pela literatura, leitura literária e muito menos pelo diálogo com a diversidade que envolve o estudo de produções africanas.

Pensar o ensino de Literatura Africana é trazer a lume a negação da origem histórica do povo brasileiro e, por outro lado, a <sup>dificuldade na</sup> formação do leitor literário. Mediar o processo de ensino e aprendizagem exige do professor um trabalho que concilie, como recomendam os PCNs, as estruturas gramaticais da língua e as propriedades que compõem o texto, literário ou não. No atual cenário do país, grande parte dos professores docentes enfrenta duas vertentes fundamentais de desafios: a dificuldade de trabalhar o texto literário em escolas particulares que valorizam apenas as apostilas e o apego a materiais didáticos com repertório restrito de textos; ou a lamentável realidade da falta absoluta de estrutura escolar que comporte livros nos colégios geridos pela Prefeitura e pelo Estado. Nos dois casos, que envolvem o ensino de literatura e a formação do leitor, a leitura torna-se secundária e autores africanos não são

seguir conhecidos pelos alunos.

A literatura como experiência estética, só fruída por meio do trabalho com o texto literário, ~~mas~~ praticamente inexistente no Brasil. O <sup>conhecimento da</sup> forma artística da linguagem, que, nos termos de Antônio Candido, é um direito de todos, torna-se pretexto para o estudo de competências gramaticais. Pela situação desfavorável em que o professor trabalha - despotencia ligado de voz crítica e tantas vezes impossibilitado de realizar uma formação continuada - o distanciamento entre o que é obrigatório ~~realizar~~ <sup>ou</sup> possível realizar em sala de aula e o que recomendam os PCN's e a Lei 10.639/03 é ~~ta~~ grande.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a abordagem do texto deve contemplar a diversidade de gêneros e desenvolver a integração entre as competências linguísticas e textuais. A construção de sentidos, fundamento da interação entre texto e leitor, é, entretanto, substituída por análises sistemáticas de pelo ~~vazio~~ <sup>por</sup> instituições em que nem as instalações <sup>financ</sup> comportam os alunos que incluem. Marginalizada como os ancestrais de que descende, a produção literária africana não adentra a maioria das escolas.

Nesse sentido, no caso da Literatura Africana, o ensino literário apresenta lacunas ainda maiores. O silêncio - ou o silenciamento - dos ~~textos~~ <sup>textos</sup> colégios sobre as dinâmicas raciais que regem o cânone literário e as relações raciais do país é refletido na ausência de obras africanas lusófonas. Poucas são as instituições em que a cultura africana é valorizada e se emprega participante do processo de formação de leitores críticos e conscientes. Nesses casos,

vigoram obras do moçambicano Mia Couto, que, à moda de Guimarães Rosa, opera uma transfiguração imaginária da linguagem. Em geral, faltam autores como Craveirinha, Ondjaki e Pepetela, dentre tantos outros.

Vinícius Lima Romi Martins, no fundamental "Por uma memória da África e dos Afrodiscendentes", afirma que as instituições de ensino devem questionar a hegemonia eurocêntrica que rege o ~~ensino~~ <sup>canone</sup> literário e o ensino de literatura. Assim, resgatando o conceito de sistema literário forjado por Antônio Candido, é possível pensar que a presença de autores africanos implica romper com a negação da origem múltipla que rege a formação ~~na~~ da sociedade brasileira. A representatividade de um escritor como Ondjaki nos textos trabalhados em sala de aula contribui para reequilibrar as relações étnico-raciais no Brasil e garante ~~a~~ uma experiência de fruição estética que só os textos literariamente formulados proporcionam.

Torna-se evidente, portanto, que a Literatura Africana, no Brasil, não ~~está~~ <sup>se tem presente</sup> na maioria das instituições de ensino. Reprodução de um sistema político e social eurocêntrico, o ensino de literatura, em muitas escolas, quando existe, não contribui para o reconhecimento da diversidade étnico-racial que caracteriza a origem da cultura brasileira. Mesmo <sup>quando</sup> ~~presente~~ <sup>há</sup> ~~em~~ <sup>em</sup> docentes que persistem e apresentam ~~uma~~ <sup>autores como</sup> Mia Couto aos alunos. Quanto mais avançarem as discussões sobre a formação do leitor literário e sobre a importância do combate à marginalização da ~~literatura~~ <sup>ascendência</sup> africana da ~~literatura~~ <sup>literatura</sup> cultura brasileira, mais perto da valorização da diversidade o país chegará.

Questão 2

Conciliando a competência gramatical e a competência leitora, é possível desenvolver, <sup>a compreensão</sup> com alunos do Ensino Médio, do conteúdo de morfologia em associação aos sentidos ~~de~~ práticos a eles concedidos. Escritores contemporâneos de Literatura Africana, como Mia Couto, na prosa, e Ondjaki, em realizações em verso, radicalizam os processos de formação de palavras num processo <sup>de compreensão</sup> literário ~~criativo~~ que transfigura imaginativamente a linguagem.

Seguindo as orientações dos PCNs e proporcionando aos alunos ~~o~~ contato com diferentes gêneros textuais, é possível ~~constatar~~ <sup>despertar</sup> a percepção de que a linguagem atua desde <sup>o nível referencial</sup> ~~o referencial~~ <sup>propósito comunicativo</sup> da comunicação, caráter presente em textos formalísticos, por exemplo, até o exercício criativo da literatura, que manifesta a faulidade humana de imaginar. Nesse sentido, as práticas de leitura devem proporcionar aos alunos não ~~a~~ busca por conteúdos gramaticais previamente listados, mas a experiência de observação dos traços que distinguem textos de gêneros literários e não-literários.

Ao adentrar o domínio da Literatura Africana, lendo textos de Mia Couto, os alunos tomam consciência de ~~estruturas~~ palavras cujas estruturas morfológicas causam estranhamento. Por fugirem ao ~~que~~ <sup>que</sup> se verifica na linguagem não-literária, termos como "Inocente" e "argumentativas" logo se destacam aos olhos atentos dos discentes. Como mediador do processo de ensino e aprendizagem, o professor deve atuar no sentido de permitir ~~que~~ <sup>que</sup> os alunos ~~que~~ manifestem as impressões sobre os textos de Mia Couto e os termos que deles se destacam.

Depreendendo as significações propostas pelos alunos, evidenciando que a elaboração de um texto literário se fundamenta no trabalho com a linguagem de modo a conciliar forma e conteúdo, o professor pode examinar palavras dicionarizadas a que remetem "imovente" e "argumentinas". A partir da constatação de que há vocábulos que são referenciados pelos termos em destaque, verifica-se que as palavras de Mia Couto podem ser compreendidas, porque apresentam estruturas morfológicas ~~que~~ conhecidas, entretanto são também, por outro lado, inauçurais. Introduzindo o conceito de neologismo, o docente caminha no sentido de desenvolver ~~com~~ com os alunos a percepção do caráter estético da obra de Mia Couto.

Uma vez possibilitando a ~~manifestação~~ manifestação de impressões da turma, é possível que o professor ~~inter~~ <sup>selezione</sup> ~~selezione~~ <sup>os alunos</sup> sobre as estruturas fixas que permitiram ~~aos alunos~~ apreender os sentidos dos vocábulos neológicos. Resgatando os conhecimentos de morfologia, ~~dos alunos~~ torna-se evidente que o ficcionista Macambicão faz uso produtivo - imaginativamente considerando, dos processos de formação de palavras. No primeiro caso, "imovente" apresenta dois processos derivacionais, que acrescentam prefixo e sufixo. Verifica-se que o prefixo "i-" acrescenta negação conciliada ao movimento do sufixo criativo "-~~ente~~ente". O que é movente move-se; o que é imovente, contém um movimento impedido. Vida e morte interpenetram-se no vocábulo criado e revelam, em microestrutura, o estilo poético do escritor. No caso apresentado, a escrita manifesta a imaginação ~~em uma~~ ~~pal~~ nas ~~se~~ no todo de sentido, mas também no que concerne aos vocábulos.

~~Se, no caso de "imponente", tem-se uma derivação e um efeito acumulativo de sentido~~

Da leitura de um texto <sup>literário</sup> poético, produzido por um autor africano, é possível apreender a qualidade literária da obra de Mia Couto. Imaginando sentidos e palavras, o leitor reinventa textos e seres. O docente, diante da prática de leitura, pode evidenciar os traços fundamentais dos processos de formação de palavra, como no caso da derivação utilizada, em que há acúmulo gramatical de sentidos, ~~mas~~ e influência literária. Contudo, portanto, dos sentidos evocados pelos textos, os alunos ampliam o olhar crítico-reflexivo, expandindo a compreensão da macro para a microestrutura. Uma vez sistematizando os conceitos de morfologia, ao final da atividade de leitura, o professor terá percebido a travessia da competência literária à competência gramatical ou meta-linguística.

### Questão 3

No ensino fundamental II a prática da leitura literária não deve ser menos considerada <sup>por conta da</sup> ~~idade~~ da idade dos alunos. A faculdade imaginativa funciona de maneira mais espontânea em alunos do fundamental II, que ~~em geral, encontram-se~~ <sup>podem ser</sup> motivados a criar e dialogar com o texto literário.

Considerando o conto "A guerra dos palhaços", de Mia Couto, o professor pode realizar uma atividade de leitura em voz alta, <sup>com alguns dos alunos como</sup> sendo primeiro o texto individualmente e, ~~no~~ segundo momento, compartilhando ~~o~~ a projeção oral do conto, o docente experimeta tanto a reflexão íntima quanto a socialização

da recepção - exercícios de habilidades literárias propostas por Libera Edomer, em "Andar entre livros: a literatura na escola". Mediando a interpretação do texto, o docente deve favorecer as manifestações criativas dos alunos. Antes, entretanto, da prática de leitura, cabe contextualizar o texto e fazer comentários que o escreveu. Depois da leitura, é possível desenvolver com os alunos paralelos entre a guerra dos palhaços e o contexto político que o Brasil experimenta nos dias de hoje. Avançando no sentido da interpretação literária, cabe destacar o desfecho do conto, que opera uma transformação de quem seriam os palhaços, os habitantes da cidade que lutam ou os dois personagens que iniciam a guerra.

Concluído o trabalho com o texto, a realização de uma prática de escrita que estabeleça relação de continuidade com o conto lido exige dos alunos a percepção dos principais elementos constituintes do texto literário. Solicitando que a turma se divida em grupos, o docente pode sugerir a tarefa de escrever uma narrativa apresentando a perspectiva - pensamentos, emoções etc - dos dois palhaços protagonistas. Alguns grupos ficam responsáveis por um dos palhaços e outros, pelo segundo.

A fim de narrar, em continuidade ao conto lido, o que se passa com os palhaços, os alunos são levados a buscar informações sobre os elementos ~~constituintes~~ <sup>narrativos</sup>: enredo, personagens, espaço e tempo. Com a mediação do professor, os discentes tomam consciência de que, se não ~~se~~ <sup>há</sup> ~~se~~ <sup>há</sup> transposição dos elementos narrativos, o fio narrativo se perde. Ao fim da ~~atividade~~ <sup>atividade</sup>, é necessário

que os elementos do texto literário narrativo sejam listados no quadro.

Ao sistematizar os constituintes do ~~conte~~ <sup>texto</sup> com alunos do fundamental II, o professor pode realizar também uma reflexão sobre as muitas possibilidades de perceber uma situação. Narrando, os alunos podem operar a transposição da terceira para a primeira pessoa do discurso ou mesmo apresentar emoções e pensamentos diversos para um mesmo personagem, a depender do grupo que o apresenta. Condição leitura, interpretação, produção escrita e compartilhamento coletivo da recepção dos textos, o ensino dos elementos dos textos literários torna-se mais dinâmico.

É possível concluir que a leitura literária de textos literários é imprescindível ao desenvolvimento das habilidades dos alunos do Ensino Fundamental II. O ensino dos elementos constitutivos do texto literário não deve, portanto, partir da sistematização para a experiência estética e interpretativa, mas operar travessia inversa. Proporcionando atividades de leitura, escrita e compartilhamento de saberes, o docente caminha para construir um espaço de escuta e reflexão em que os alunos sejam ~~auto~~ <sup>sujeitos</sup> do percurso escolar que trilham.